

DO M A X AO M A X

ROSA ASSIS

Doutora em Língua Portuguesa

Professora da Universidade da Amazônia - UNAMA

Do *Max*

Resíduo

é tudo o que consigo
(só)
de te dizer

Ao *Max*

quase nada,
mereces muito mais

Rosa Assis

Curiosamente, não passava em minha cabeça escrever sobre Max Martins, embora já tivesse lido seus poemas, acompanhado sua trajetória poética. Sempre admirei sua poesia, os títulos cuidadosamente criados, recriados, ou simplesmente desenhados, ou até os não-títulos, os textos fragmentados, espacializados, as disposições gráficas das palavras, uma poesia fundamentalmente visual, a arte maxiana, enfim. Tudo diferente. E isso chamava sempre minha atenção e aguçava minha curiosidade só em pensar como uma pessoa podia escrever daquela forma, com aquelas formas (^)rmas, artesanalmente construídas. Tinha de ser o Max fazendo-se a si mesmo, representando-se ao seu modo, na sua forma. Tudo isso, a meu ver, por ser o Max uma pessoa como outra qualquer, mas diferente de todas.

Assim é o MAX : o poeta

o artista

o profeta

o homem "encantado"

o homem do cajado

o andarilho da linguagem

o monge da terra, da praia, da areia

o mago do poema

o obreiro da palavra

o operário do ser

Isto

é ser o *Maximo*

Mas não é só isso: é também a simplicidade, a sinceridade e a franqueza (liberalidade) na vida e na arte de viver.

Eras, *Max!* Sinceramente, mesmo sabendo que não iria encontrar, nos dicionários etimológicos, teu pequeno e pesado nome, saí procurando a etimologia dele, e claro que não a encontrei, nem mesmo um *resíduo* que fosse, para poder aqui registrar, digamos, a origem de tão grande expressão para tão curto nome.

Pensei: e agora?! vou garimpar outras formas no Antenor Nascentes, no José Pedro Machado, e vamos ver no que vai dar. Lá estavam Maximiano, Maximiliano, Maximino e Máximo, mas o *Max*, cadê? E continuei te procurando. Nada. Eras!, uma pessoa como tu, simples e forte, tão forte e tão simples, e tão difícil de ser encontrado nos verbetes dos dicionários. És, portanto, realmente um nome próprio, impar, singular. Puxa! Ei, *Max*:

"O homem — já disse Victor Henry — é um animal etimologista. É-lhe inata a curiosidade das origens.

Se isto é verdade com relação às palavras comuns, muito mais o é com relação aos nomes próprios. Quem não deseja saber a origem e a significação do seu nome? Quem não deseja perquirir a fonte do nome do berço natal?"

Eu quis...

E, curiosamente, não te achei..... e nem acho, mesmo abrindo os olhos, como se Argos ou Lince fosse (bem lembrados por Josse Fares, em *Os Sapatos e o Tempo*. Não encontro a raiz do nome que procuro, mas sei apenas que *MAX* é *MÁXimo*, e isso me basta, por enquanto. *Máximo* significa, segundo um dos itens do verbete do dicionário eletrônico do Aurélio Buarque de Holanda:

Maior que todos; que está acima de todos: a máxima potência; o máximo poeta; pena máxima.

Não desisto, pois. Vou atrás do senhor Nicolau Firmino, autor de um dicionário latim-português. E sabes o que lá encontrei?

Maxime ou *maxume*; adv. *Muitíssimo*, *extremamente* (...) *mormente*, *precisamente*.

Pronto, és tu exatamente: os muitos *Max*, o máximo dos máximos, ou simplesmente, como antes sugeri, o próprio *Máximo*. E a partir daqui tornou-se para mim ainda mais difícil escrever sobre ti, obviamente.

Sei e afirmo porém que, se fosse eu dona da praia do Marahu, com certeza ela já era tua, te daria de presente, e lá continuarias a produzir teus poemas vivos, porque são poemas que têm carne, osso, corpo — vida. A viva palavra. A forma que lavra na página, cravando sentidos nas veias do texto. Uma escrita, uma grafia, uma gramática, um jogo múltiplo de ideo-picto-gramas, de autênticos grafitos, traços críticos, *riscos subscritos*, que nos fazem ver, palpavelmente, que os teus poemas são textos de fato, e rigorosamente, de tua própria lavra.

Es realmente o poeta da pele, da carne, do tato, do olfato, da visão, da audição, e mesmo de um certo paladar verbal; enfim, todos os sentidos são sentidos em sua plenitude, numa mistura de olhos, rosto, lábios, seios, ossos, sexos, ventre, púbis, pêlos, membros, ombros, mãos, dedos, ouvido. O corpo inteiro e a alma toda.

E em torno a esse corpo, a esse inteiro *corpus* da linguagem, da língua, estão as cores com um tom forte em teus poemas — o vermelho ao lado do azul, o verde com o cinza, da mesma forma que o branco trabalha com o negro. Essa profusão de cores e do corpo na tua poesia viva e visualmente escrita, árdua escrita, certamente provoca na leitura feita e sentida pelas pessoas sinestésicas, (será que há?) e mesmo as não-sinestésicas, (por indução) um efeito e um clima especiais, uma verdadeira e profunda experiência sensorial, carregada de sentidos, múltiplos sentidos. É como se disséssemos, resumindo tudo, que todas as fragrâncias e todas as essências estão espalhadas nos teus poemas de tão concentrada expressão.

E aqui volto ao Marahu, para dizer-te que aquelas areias sentem falta da tua leve pisada, melhor, do leve passar, passear, do teu calmo e silente caminhar, do teu olhar — e que olhar!, fundo, profundo — TEU.

É a tua poesia, é o teu mergulho no fundo da praia
no fundo das águas

no meio da mata
da mata selvagem
da alma linguagem
que estás sempre a
devassar

Assim, depois de ter tentado (ou atentado) essas rápidas e fracas pinceladas na tua poesia, muito menos para interpretá-la do que para homenagear a tua pessoa e o teu nome, volto ao ponto de partida, àquela vã tentativa de buscar-te a etimologia. Colhi apenas que tu és verbal e realmente o *Máximo*. E isso me basta. Deixo pois aqui em aberto estas linhas livres, interrompidas, para quem-sabe um dia eu completar o que queria dizer, nem que fosse ou que seja *só para (não) me consolar*.

.....
.....
.....

Bibliografia

- FARES, Josse. *Os sapatos e o tempo*. Jornal O Liberal, 2 de janeiro de 2000.
FIRMINO, Nicolau. *Dicionário latino português*. São Paulo, Melhoramentos, s/d.
HENRY, Victor. Apud. Antenor Nascentes, op. cit. (Prefácio)
HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Dicionário da língua portuguesa*. (Eletrônico)
MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa, Editorial Confluência, Ltdª & Brasil/ São Paulo Livros Horizontes, 1967. 2 v.
MARTINS, Max. *Não para consolar; poesia completa*. Belém, Edições CEJUP, 1992.
NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Francisco Alves et al, 1952, tomo II — (nomes próprios)



Foto: Flávia Mutran